

## A INFLUÊNCIA DA NASALIZAÇÃO NA POSTERIORIZAÇÃO DE FRICATIVAS VOZEADAS NO DIALETO ALAGOANO

Eliane Vitorino de Moura Oliveira<sup>1</sup>  
José Wagner de Almeida Barbosa<sup>2</sup>

**Resumo:** O português brasileiro é uma língua muito rica em variantes. Isso acontece em função da variação linguística que pode afetar qualquer aspecto linguístico, como os lexicais, sintáticos, fonético-fonológicos. Quando afeta esse último, pode originar uma alofonia. Nesse contexto, o objetivo geral deste trabalho é analisar o papel das consoantes nasais na ocorrência de alofonia, por meio do processo de posteriorização, no dialeto alagoano do português do Brasil. Para tanto, foram analisados outros contextos fonológicos, além da nasalização, a fim de saber se esses também propiciariam a substituição de [v], [z] e [ʒ] por [ɦ]; a ocorrência da posteriorização em outros pontos de articulação; e sua relação com os tipos de vogais, a composição da sílaba, a tonicidade da sílaba. Tendo isso em vista, a principal hipótese foi a de que, devido ao abaixamento do véu palatino durante a realização de segmentos nasais, as fricativas citadas sofrem glotalização por meio de um processo de coarticulação antecipatória (BARBOSA e MADUREIRA, 2015) ou de enfraquecimento (MARQUES, 2001). Assim, a composição do *corpus* se deu através da gravação de entrevistas com seis informantes, três do sexo masculino e três do sexo feminino, alagoanos e filhos de alagoanos, em diferentes faixas etárias. Posteriormente, foram feitas a segmentação e a transcrição das gravações e a análise dos dados com base em Barbosa e Madureira (2015), Silva (2003), Aragão et al (2013), Marques (2001) e Roncaratti e Uchoa (2014). Através dos resultados, constatou-se a maior ocorrência do fenômeno quando acompanhado de segmentos nasais tanto internos aos vocábulos quanto em ambientes sintático-fonológicos. Notou-se, ainda, que os tipos de sílabas, a distância acentual, os segmentos vocálicos e consonantais não nasais não exercem essa mesma influência. Por fim, este estudo alcança seu propósito de promover uma abertura para novos estudos nesse campo tão pouco estudado, comprovando a sua principal hipótese.

**Palavras-chave:** Posteriorização; Nasalização; Fonologia.

---

1 Doutora em Estudos da Linguagem. Docente Curso de Letras/Arapiraca, Universidade Federal de Alagoas.

2 Graduando de Letras – Língua Portuguesa, Universidade Federal de Alagoas.

# INFLUENCE OF NASALIZATION IN THE POSTERIORIZATION OF VOICED FRICATIVES IN THE BRAZILIAN PORTUGUESE DIALECT OF ALAGOAS

**Abstract:** Brazilian Portuguese language abounds in linguistics variants. This can be observed because of linguistic variation, which may affect any linguistic aspect of a language, such as lexical, syntactic and phonetic-phonological ones. When it affects the latter, it may originate an allophony. Within this framework, the main goal of this research is to analyze the role of nasal consonants in the occurrence of an allophony produced by the phonological process of posteriorization in the Brazilian Portuguese dialect of Alagoas. To this end, we analyzed phonological contexts with nasal segments as well as other phonological contexts without them (in order to see if these would also promote the substitution of [v], [z], and [ʒ] with [ɦ]); the occurrence of posteriorization in other places of articulation; and its relation to types of vowels, syllable structure, and syllable stress. Considering all of these, our main hypothesis was that, due to the lowering of the soft palate during the production of nasal segments, the aforementioned fricatives undergo glottalization through the agency of anticipatory coarticulation (BARBOSA e MADUREIRA, 2015) or weakening (MARQUES, 2001). The analyzed sample consisted of interviews conducted with 6 informants (three male and three female) in different age groups born in Alagoas to parents also born in Alagoas. Subsequently, the recordings were transcribed and the data analysis was carried out based on Barbosa & Madureira (2015), Silva (2003), Aragão *et al* (2013), Marques (2001) and Roncaratti & Uchoa (2014). The results showed that the greatest occurrence of the phenomenon was when nasal segments accompanied those fricatives inside words as well as in syntactic-phonological environments. It also showed that syllable structure, accent distance, and non-nasal segments do not induce the phenomenon. Lastly, in proving our hypothesis, this study opens up a space for new studies on this vast but little studied subject.

**Keywords:** Posteriorization; Nazalization; Phonology.

## INTRODUÇÃO

Embora a linguística seja uma área relativamente nova da ciência, é amplamente sabido atualmente que as línguas sofrem variação ao longo do tempo. Essa variação, no decorrer dos anos, é o que dá origem a novas línguas; no entanto, durante a existência de uma língua, há variantes que ocorrem simultaneamente, sem que provoquem mudanças tão profundas. Como mostram os estudos da Sociolinguística, provocada por motivos diversos, como fatores sociais, regionais, históricos, essa variação coexiste harmonicamente, inclusive com variantes concorrendo entre si, e pode ocorrer em qualquer aspecto de uma língua, como nos planos lexical, sintático e fonológico.

Os casos em que a variação está ligada ao plano fonológico sem provocar mudanças no sentido das palavras são chamados de alofonia. É um caso de alofonia o objeto de estudo a que se dedicou esta pesquisa. De forma mais detalhada, o objetivo geral deste estudo linguístico foi a análise do papel da nasalização na posteriorização das fricativas vozeadas labiodental [v], alveolar [z] e palatal [ʒ] para o ponto glotal no dialeto alagoano do Português do Brasil.

Em concordância com Teixeira (2009, p. 182), “anteriorização e posteriorização [...] são processos, por assim dizer, complementares, vez que ambos envolvem mudança no traço de Ponto de Articulação (para direções opostas em relação ao *continuum* do trato oral)”. Com relação a essas ‘direções’, Silva (2003, p. 67-68) afirma que se divide

a cavidade bucal em três partes simétricas. Uma parte localizada a [sic] frente da cavidade bucal (anterior) e uma parte localizada na parte final da cavidade bucal (posterior). Entre estas duas partes tem-se uma parte central. As três posições que podem ser assumidas pela língua são: anterior, central e posterior.

Nesse contexto, o que chamamos de posteriorização é a mudança ocorrida no ponto de articulação de um som, de uma posição mais anterior (nesse caso, os lábios, o alvéolo e o palato) para uma posição mais posterior (nesse caso, a glotes) no trato oral.

Nossa principal hipótese é a de que a ocorrência de um segmento nasal após essas fricativas promova a substituição das fricativas anteriores pela fricativa glotal [h], sendo influenciada pelo abaixamento do véu palatino. Tendo em vista a comprovação dessa hipótese, tivemos ainda três objetivos específicos: i) observar e descrever quais processos fonológicos estariam envolvidos na posteriorização das fricativas vozeadas; ii) observar se haveria posteriorização em outros pontos de articulação; e iii) observar a relação entre os tipos de vogais, a composição da sílaba, a tonicidade da sílaba e a posteriorização.

Embora seja conhecido que esse fenômeno ocorra na variante alagoana (NETO, 1979, p. 627 *apud* RONCARATTI e UCHOA, 2014), este é um tema muito pouco estudado e que necessita de receber mais atenção. Assim, este trabalho torna-se de grande relevância por portar o propósito de fornecer uma abertura para novas pesquisas na área.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

Como exposto até aqui, a posteriorização é o fenômeno sobre o qual este trabalho se põe a estudar; de modo específico, a substituição das fricativas vozeadas labiodental [v], alveolar [z] e palatal [ʒ] pela fricativa vozeada glotal [h], fenômeno que, atualmente, espraia-se não só pelo estado de Alagoas, como também por outros dos estados do Nordeste, como evidenciam os estudos de Aragão *et al* (2013), Aragão (2009), Marques (2001), Roncarati e Uchoa (2014).

No que se refere ao estado de Alagoas, é um fenômeno produtivo em diversos contextos interacionais, de conversas informais e corriqueiras a diálogos formais de universitários. No entanto, apesar de toda essa produtividade, há uma grande carência nos estudos que buscam evidenciar essa ocorrência na variedade alagoana, o que motivou a realização do nosso trabalho.

Como todas as línguas naturais, a língua portuguesa é composta de um inventário de sons que se organizam de diversas formas quando o intuito é comunicar algo. Esses sons são divididos em dois grandes grupos: os sons ou

segmentos vocálicos, em que, conforme prevê Silva (2003, p. 34), “a passagem da corrente de ar não é interrompida na linha central e, portanto, não há obstrução ou fricção [durante a passagem da corrente de ar]” e os sons ou segmentos consonantais, produzidos “com algum tipo de obstrução nas cavidades supraglotais de maneira que haja obstrução total ou parcial da passagem da corrente de ar podendo ou não haver fricção” (SILVA, 2003, p. 34)

Em se tratando de consoantes, Silva (2003, p. 34) afirma que “os segmentos consonantais [são classificados] quanto ao mecanismo da corrente de ar (egressiva); ao vozeamento ou desvozeamento; a oralidade/nasalidade; ao lugar e [o] modo de articulação”. Como “a corrente de ar ingressiva [...] não ocorre em português” (SILVA, 2003, p. 27), levaremos em consideração apenas os três últimos mecanismos, sendo que a nasalidade também é incluída — pela própria autora e autores como Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015, p. 69) — entre os traços que definem os modos de articulação consonantais.

O primeiro dos parâmetros, o vozeamento, refere-se ao fato de haver ou não a vibração das pregas vocais na produção dos segmentos consonantais; em decorrência disso, temos “os denominados segmentos surdos ou não-vozeados, produzidos sem vibração das pregas vocais, e os chamados sonoros ou vozeados, produzidos com as pregas vocais em vibração” (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p. 47). Como o nome sugere, é o mecanismo que determina a ausência ou a presença da voz na produção sonora. Comparativamente, “normalmente, segmentos vocálicos [por exemplo] são vozeados, isto é, durante a sua produção as cordas vocais estão vibrando. Contudo, [em alguns contextos], segmentos vocálicos podem ser produzidos com a propriedade articulatória secundária de desvozeamento” (SILVA, 2003, p. 71), através do qual perdem a propriedade de vibração das pregas vocais e passam a ser produzidos semelhantemente à maneira das consoantes surdas.

Quanto à oralidade/nasalidade, trata-se do local por onde passa a corrente de ar durante a produção dos sons; quando nos referimos a um segmento consonantal como nasal, estamos falando daqueles que produzem

uma obstrução total e momentânea do fluxo de ar nas cavidades orais. Há, no entanto, **um abaixamento simultâneo do véu do palato, permitindo a liberação do ar pelas cavidades nasais**. O ar então saindo dos pulmões ressoa também na cavidade oral antes de ser expelido somente através das cavidades nasais (SEARA, NUNES E LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p. 52) [grifo nosso].

No português do Brasil, temos quatro consoantes nasais, que variam de acordo com o ponto de articulação: [m], cuja obstrução ocorre nos lábios; [n], cuja obstrução ocorre nos alvéolos; [ɲ], cuja obstrução ocorre no palato duro, e [ŋ], cuja obstrução ocorre no palato mole ou véu palatino. Além disso, todas elas são vozeadas.

O último deles, por sua vez, o lugar e o modo de articulação, que por si só podem ser apontados como dois mecanismos diferentes (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 69), lidam com os articuladores envolvidos

na produção dos sons e a maneira como a corrente de ar passa pela obstrução. Na produção de um som, fazemos uso de articuladores passivos, que são imóveis e fazem parte do trato vocal, e ativos, que se movem em direção aos passivos e alteram o trato vocal. Em vista disso, o ponto ou lugar de articulação é definido em função da posição do articulador ativo em relação ao articulador passivo; por isso, são classificados em português como bilabial, labiodental, dental, alveolar, alveopalatal, palatal, velar, glotal (SILVA, 2003, p. 32). Em decorrência de como os articuladores se tocam ou se aproximam, é determinado como e em qual grau ocorre a passagem da corrente de ar através da cavidade bucal. É a isso que se chama de estrutura e que origina o modo de articulação (SILVA, 2003, p. 33). Estes podem ser oclusivo, nasal, fricativo, africado, vibrante, retroflexo e lateral. Dado que já discorreremos sobre as nasais, destacaremos adiante apenas as consoantes oclusivas e as fricativas, uma vez que dizem respeito mais particularmente ao fenômeno analisado por este estudo.

As consoantes oclusivas, ou plosivas, são aquelas cuja produção provocam “uma obstrução completa da passagem da corrente do ar através da boca. O véu palatino está levantado e o ar que vem dos pulmões encaminha-se para a cavidade oral. Oclusivas são, portanto, consoantes orais” (SILVA, 2003, p. 34). Com relação ao ponto de articulação em que essa obstrução total pode ocorrer no trato bucal em português, temos as oclusivas (surdas seguidas de seu par vozeado): [p] e [b], produzidas com os dois lábios; [t] e [d], produzidas nos alvéolos; [k] e [g], produzidas entre a língua e o véu palatino.

As consoantes fricativas, por sua vez, são aquelas produzidas

com um estreitamento do canal bucal, ou seja, uma oclusão parcial, realizada pelos articuladores, fazendo com que a passagem do fluxo de ar nas cavidades supraglóticas gere um ruído de fricção. O véu do palato encontra-se levantado, e o fluxo de ar é encaminhado apenas para a cavidade oral (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p. 52-53).

Em português, relacionando o modo de articulação ao ponto de articulação, temos as fricativas (surdas seguidas de seu par vozeado): [f] e [v], produzidas entre os dentes e os lábios; [s] e [z], produzidas nos alvéolos; [ʃ] e [ʒ], produzidas entre os alvéolos e o palato; [ç] e [ʝ], produzidas no véu palatino e [h] e [ɦ], produzidas na glotes.

Assim, temos postas as definições que discorrem a respeito dos aspectos intrínsecos dos sons que foram analisados. Tendo isso em vista, é válido salientar que são as fricativas vozeadas labiodental [v], alveolar [z] e palatal [ʒ] o foco de nossa análise e que o fenômeno em observação provoca a substituição de todas essas fricativas por [ɦ], uma fricativa sonora produzida na glote.

Esse fenômeno é também conhecido como posteriorização — priorizando-se a mudança do ponto de articulação —, como glotalização — sendo priorizado o novo ponto de articulação, o glotal —, ou ainda enfraquecimento — priorizando-se a diminuição da força do som produzido (MARQUES, 2001).

Quanto ao enfraquecimento, segundo Marques (2001, p. 34), citando Katamba (1993, p. 104), esse processo “obedece a uma ‘escala de força’ (*strength hierarchy*) que se baseia no modo de articulação [dos sons]. Quanto mais obstrução um som tiver, mais forte ele será e, quanto menos, mais fraco ele será”. Sabendo que as oclusivas são os sons que provocam a maior obstrução da passagem da corrente de ar (SILVA, 2003), entendemos então que são elas que se localizam no topo da escala (+ força). Ao menos tempo, como as vogais são sons que não apresentam qualquer obstrução em sua produção, estão na base da escala (- força). Os demais sons se localizam entre estes: “as oclusivas envolvem as obstruções mais fortes e as aproximantes (nasais, líquidas, glides e vogais) as mais fracas, com o restante dos sons ficando entre elas” (MARQUES, 2001, p. 34). Ainda segundo Marques, uma escala inversa a de força é a escala de sonoridade; ao passo que os sons desta tendem à vocalização, os daquela tendem ao enfraquecimento. Dessa forma, a queda de determinado som é a forma final que assume o processo de enfraquecimento, que segue a seguinte ordem: “(OCLUSIVAS> AFRICADAS> FRICATIVAS> APROXIMANTES> ZERO)” (MARQUES, 2001, p. 34).

Barbosa e Madureira (2015, p. 48) chamam estes fenômenos de coarticulação e coarticulação antecipatória. Segundo os autores,

o controle dos articuladores da fala para a produção da fala não é realizado sob a forma de uma sequência de unidades isomorfas ao fonema, mas envolve a coordenação de gestos articulatórios que se orquestram para a produção dos sons numa janela temporal da ordem de até 1 a 2 segundos (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 48).

Isso quer dizer que não é possível produzir os sons em uma cadeia de fala de forma separada, de modo a que um não afete o outro, devido ao curto espaço de tempo usado para a sua produção. Assim, aspectos da produção de um som anterior, por exemplo, acabam sendo ainda mantidos na produção do som seguinte. Ou seja, os sons são coordenados de forma que a produção de uns afeta a produção de outros. “Essa coordenação gestual ou coprodução afeta a produção dos sons da fala, pois um gesto produzido afeta seus vizinhos. A esse fenômeno se dá o nome de coarticulação” (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 48). Ainda segundo os autores,

Os efeitos do contexto segmental se fazem sentir porque a fala é coproduzida, ou seja, os movimentos dos articuladores para a produção de um mesmo som modificam-se em função dos sons adjacentes. A fonologia gestual (Browman & Goldstein, 1989) entende essa coprodução como resultado da sobreposição dos gestos associados com segmentos em adjacência, os quais se manifestam nas dimensões articulatórias e acústicas do fluxo contínuo da fala (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 48).

Os pesquisadores delimitam ainda mais esse conceito indicando tipos de coarticulação: a antecipatória e a perseveratória. A fim de explicar tais conceitos, exemplificam com a produção de /gu/ e /us/, como a seguir:

Quando produzimos uma sílaba como /gu/, por exemplo, envolvemos o corpo da língua para a produção do /g/ e do /u/ como também os lábios, para a produção do /u/. Esse arredondamento labial, irrelevante em português para a produção da consoante velar, antecipa-se durante a produção desse som, produzindo, na verdade, uma consoante velar labializada: [g<sup>w</sup>]. O mesmo fenômeno ocorre, em grau menor, para /go/ e /gɔ/, produzindo [g<sup>w</sup>o] e [g<sup>w</sup>ɔ]. Esse fenômeno é chamado de coarticulação antecipatória, porque um traço fonético da vogal que segue a consoante velar, o arredondamento labial, antecipa-se na consoante. O mesmo fenômeno antecipatório do arredondamento de vogal posterior ocorre em todas as consoantes precedentes.

Quando o efeito se dá no sentido oposto, como no caso da labialização de uma consoante como /s/ em sílabas como /us/ ([us<sup>w</sup>]) (no artigo “os”, por exemplo) por conta da persistência do arredondamento labial na consoante seguinte, chama-se o fenômeno de coarticulação perseveratória (BARBOSA; MADUREIRA, 2005, p. 48).

Por fim, afirmam que

a coarticulação sempre existe, em menor ou maior grau, e é essencial para entender as características acústicas de vogais e consoantes na fala. Ela pode se estender a grandes distâncias, como no caso da coarticulação antecipatória de abertura vocálica em posição pré-tônica em palavras como “menino” e “perigo”, pronunciadas como [mininũ] e [pirigũ] (BARBOSA; MADUREIRA, 2005, p. 48).

Nesse contexto, o fenômeno linguístico que analisamos é, portanto, a mudança ocorrida no ponto de articulação de um som, de uma posição mais anterior (nesse caso, os lábios, o alvéolo e o palato) para uma posição mais posterior (nesse caso, a glotes) no trato oral. Nessa pesquisa, os sons observados foram as fricativas labiodental [v], alveolar [z] e palatal [ʒ], que são, em certas circunstâncias, produzidas como glotal [ɦ]. Durante a produção de segmentos nasais, como já apontado, ocorre o abaixamento do véu palatino a fim de que a corrente de ar passe pela cavidade nasal. A hipótese principal da nossa pesquisa dá conta de que a ocorrência da posteriorização das fricativas analisadas se dê devido a isso. Em outras palavras, nos contextos em que estivessem presentes as fricativas sonoras e os segmentos [m], [n], [ɲ] ou [ŋ], haveria uma tendência à ocorrência do fenômeno; fosse por enfraquecimento (MARQUES, 2001), fosse mesmo por coarticulação antecipatória (BARBOSA; MADUREIRA, 2015). Essa hipótese foi confirmada, como será apresentado em tópicos seguintes.

Citando Coutinho (1969, p. 112), Marques (2001, p. 20) afirma que um exemplo clássico de enfraquecimento que acompanhou o surgimento do português foi o processo de sonorização pelo qual passaram as consoantes mediais surdas latinas e que deu origem as suas homorgânicas portuguesas e o apagamento que sofreram as sonoras. Citando Katamba (1993, p. 105) desta vez, Marques (2001, p. 20) declara que “quando um som surdo como /t/ torna-se sonoro, pode-se falar em ‘enfraquecimento’”. Ainda segundo o autor, “pode-se falar em enfraquecimento e lenição indistintamente, pois ambos se equivalem.

De acordo com Tarallo (1990, p. 180, *apud* ARAGÃO *et al*, 2013, p. 56), ao desenvolverem-se do latim ao português, as consoantes passaram por dois processos fonológicos: a lenição articulatória, também conhecida como enfraquecimento, e a palatalização. O processo de lenição mais comum é, para Schubiger (*apud* MARQUES, 2001, p. 22), “um som constritivo, glotal, sonoro, que acontece quando se produz uma leve vibração nas cordas vocais ao mesmo tempo em que se deixa passar entre elas ar sem vibração”. Noutras palavras, uma fricativa glotal sonora [ɦ].

No português brasileiro, quando se fala dos sons de /R/, normalmente considera-se os pares de sons [h] e [ɦ], uma vez que “historicamente, as consoantes fricativas, durante a passagem do latim para o português, fixaram-se simetricamente com suas respectivas homorgânicas, o que até então só acontecia com as oclusivas” (ARAGÃO *et al*, 2013, p. 55). Sobre o enfraquecimento e a origem latina desse arquifonema, Roncaratti e Uchoa (2014) explicam que o som aspirante que havia em latim não foi o que deu origem ao do português. Segundo os autores,

no Latim, a aspiração representada pelo *h* inicial de morfema (como em *hodie*, “hoje”) não durou muito, não chegando às línguas neolatinas. O fonema /R/ do português proveio do *rr* latino (vibrante apical múltipla) que se opunha a *r* (provavelmente, “vibrante” simples: de uma só batida, “lap” ou “tap”). A oposição *r/rr* permaneceu em espanhol e italiano e desapareceu em francês moderno (*r* e *rr* > [R] ~ [ʁ]). No português (da maior parte do Brasil e de Lisboa) e no Provençal, a vibrante apical múltipla foi substituída por vibrante ou fricativa uvular. Hoje, ouvem-se, ainda, as variantes uvulares dos lisboetas e de muitos cariocas (na palavra *Rio*, por exemplo) (RONCARATTI E UCHOA, 2014, p. 13) [grifos dos autores].

Isso nos permite compreender que o par de sons [h] e [ɦ] do português se desenvolveu, possivelmente, a partir de um processo de enfraquecimento envolvendo mudanças do ponto de articulação: a vibrante alveolar teria dado origem à vibrante velar ou uvular; e estas, à fricativa glotal. Por isso, os sons fricativos glotais estariam em um estágio avançado de enfraquecimento, levando-se em consideração a escala de força já apresentada.

No que diz respeito às realizações de /S/ pós-vocálico, citando Silva Neto (1979, p. 208), Aragão *et al* (2013, p. 55) dizem que esse fonema “já apresentava variação (no caso, manutenção ou queda) desde o latim arcaico. No entanto, essa variação não interrompeu seu curso, passando pelo latim clássico e latim vulgar”. Porém, acrescentam que “[...] consistia-se num fenômeno de fonética sintática”. Em outras palavras, a substituição do som de [s] por variantes, a exemplo do caso de [ɦ], só ocorria quando por influência dos sons de outras palavras com as quais se relacionassem, as que apresentavam /S/ pós-vocálico, como em “(não me disse) mais nada”. Para Silva Neto (1979, p. 210 *apud* ARAGÃO *et al*, 2013, p. 55), “a perda do -s corresponde às correntes dialetais da Península; a vitória do -s é a consequência da vitória do latim de Roma, consagrado, enfim, como a urbanitas, o padrão”.

Segundo Marques (2001, p. 20), o processo de lenição acontece no português do Brasil quando o /s/ aparece em posição de *coda*: “(des)ligar ~ de(h)ligar, mesmo ~ mehmo)” [grifos do autor] e a sua ocorrência também é observada nas fricativas /v/, /z/, /ʒ/, na comunidade pessoense, em contextos como: “[...] fica em ca[h]a (casa) que ela (...)”, ‘(...) isso que a [h]ente (gente) vê (...)’” (MARQUES, 2001, p. 21, grifos do autor). É interessante notar, além disso, que, em ambos os contextos, a fricativa tem posição intervocálica, seja considerando-se a palavra, seja considerando-se a cadeia fônica.

Examinando o fenômeno na variedade cearense, Roncaratti e Uchoa (2014, p. 13) afirmam que “o som enfraquecido que se ouve em lugar de /v/, /z/ e /ʒ/ pode ser geralmente transcrito como [h̃], fazendo parte de uma família de sons que têm, na fala cearense, membros como [h], [χ], [ʁ], [x] e [ʁ̃]”. Os autores ainda especificam que “possivelmente, sua realização mais frequente antes de segmento sonoro é /h̃/”.

Essa substituição é um processo que não promove a alteração dos fonemas, que, nas palavras de Silva (2003, p. 126), “são os sons de uma língua que têm valor distintivo (servem para distinguir palavras)”, mas que ocasiona, na verdade, uma alteração nos fones. Isto é, desse fenômeno não surge uma distinção entre a palavra com a fricativa anterior e a palavra com a fricativa nova; a isso dá-se o nome de alofonia. Sendo assim, a posteriorização das fricativas é responsável pelo surgimento de um alofone, entre as variantes conservadora e inovadora. De acordo com Silva (2003, p. 126),

alofones (ou variantes) de um fonema são identificados por meio do método de **distribuição complementar**. Quando dois segmentos estão em distribuição complementar, eles ocorrem em ambientes exclusivos. Em outras palavras, onde uma das variantes ou alofone ocorre, a outra variante não ocorrerá.

Sabendo-se como o fenômeno é produzido fisicamente, cabe saber o comportamento dele dentro da língua e suas motivações conhecidas na literatura atual. A maior produção científica na área ocorre na análise do falar cearense, no entanto, há também trabalhos sobre o falar de João Pessoa, na Paraíba.

Araújo e Rodrigues (2015), que buscaram analisar o enfraquecimento, especificamente, da fricativa /v/ no falar popular de Fortaleza, observaram que essa fricativa “é produzida de forma variável, como mostram as formas linguísticas ta[v]a ~ ta[h]a” (ARAÚJO; RODRIGUES, 2015, p. 158), e “se realiza como [v] (manutenção) e como [h, h̃] (reificação)” (ARAÚJO; RODRIGUES, 2015, p. 159). O objetivo da pesquisa foi analisar não somente variáveis linguísticas como também sociais atuantes no processo, a fim de constatar o estado da variação, se estável ou ainda em progresso. Como variáveis linguísticas foram levados em consideração: o contexto fonológico subsequente, o tipo de sílaba, a dimensão do vocábulo e a frequência de uso do segmento; como variáveis sociais: o gênero/sexo, a faixa etária, a escolaridade e o registro. Os resultados apontados pelo estudo mostram que as variáveis relevantes para a ocorrência da posteriorização foram nesta ordem: escolaridade: quanto maior a escolarização, menor a ocorrência; registro: as falas

menos monitoradas favorecem a variante; frequência de uso: quanto mais usual for o termo maior será a aspiração; faixa etária: a faixa de 50 anos é a de maior produtividade do fenômeno, ao passo que a faixa de 15 a 25 anos é inibidora; tipo de sílaba: (uma variável linguística) enquanto as sílabas travadas<sup>3</sup> inibem o enfraquecimento, as sílabas não-travadas são neutras; gênero/sexo: os homens favorecem o enfraquecimento, e as mulheres o inibem; dimensão do vocábulo: o fenômeno é favorecido por dissílabos e inibido por trissílabos.

Segundo os autores, as evidências obtidas através da pesquisa confirmam a hipótese da relevância lexical e não fonológica para a ocorrência, proposta por Roncarati (1988 *apud* ARAÚJO; RODRIGUES, 2015, p. 184). Além disso, observaram, pelo comportamento dos resultados em relação à faixa etária, haver uma mudança em curso, além de corroborarem outros estudos ao perceberem a aspiração como um fenômeno estigmatizado, como outros pesquisadores já haviam constatado. Assim, concluem afirmando que observaram que: “/v/ pode se realizar como [v] ou como [h] (aspiração); e /s z ʒ/ se realizam como [s z ʒ], como [∅] (apagamento) ou como [h, fi] (aspiração)” (ARAÚJO; RODRIGUES, 2015, p. 159).

Ainda sobre o português falado no Ceará, Roncaratti e Uchoa (2014) se dedicaram a analisar o enfraquecimento das consoantes /v/, /z/ e /ʒ/. Segundo eles, esses sons, em palavra como “estava”, “desde” e “já”, são realizadas como um som glotal sonoro [fi] ou apagado. O objetivo da pesquisa foi verificar os contextos linguísticos e pragmáticos promotores da ocorrência do fenômeno e averiguar seu nível de estigmatização. A partir das entrevistas foram obtidos 4066 contextos em que ocorria o enfraquecimento de /v/, /z/ e /ʒ/ e 508 em que ocorria seu apagamento. Após o escrutínio estatístico dos dados, foi possível chegar à conclusão de que os fatores mais relevantes que favorecem o enfraquecimento e/ou apagamento das fricativas foram, entre os fatores linguísticos, a natureza da consoante seguinte; a presença do morfema do imperfeito -ava e a natureza da vogal seguinte. Em se tratando dos fatores sociais, perceberam que a fala mais relaxada e menos monitorada favorece a ocorrência e que quanto mais usual o item lexical usado, maior a aceitação do enfraquecimento ou apagamento, além de, quanto à relevância informacional, itens gramaticais tendem a sofrer o enfraquecimento mais do que os lexicais.

Com base nesses resultados, é possível inferir que a pesquisa de Araújo e Rodrigues (2015) reitera ao menos três das conclusões de Roncaratti e Uchoa (2014). São elas: registro, uma vez que falas menos monitoradas são favoráveis à ocorrência da variante; tipo de sílaba, de certa forma, já que a vogal ou a consoante subsequentes foram apontadas como relevantes para o enfraquecimento; e frequência de uso, pois os termos mais usuais estariam propensos a sofrerem a permuta.

---

3 São sílabas travadas aquelas terminadas por uma consoante (SILVA, 2003, p. 166).

Examinando o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar do município de João Pessoa (PB), Marques (2001, p. 21) revela que “no vernáculo do pessoense é bastante perceptível a produção variável da fricativa sonora lábio-dental (/v/), que ora é produzida como /v/ (ex.: “... sempre roda[v]a o tamboφ...”), ora como /h/ (ex.: “... carro ta[h]a tão...”)”. Sob a perspectiva da sociolinguística variacionista, ou laboviana, o trabalho teve como objetivos descrever as variáveis que condicionam a ocorrência do enfraquecimento, identificar o estado do fenômeno, se estável ou em processo de mudança, e comparar estudos semelhantes a respeito de outras regiões, a fim de traçar o comportamento linguístico dos falantes de João Pessoa e de desenvolver estudos que subsidiassem o ensino de Língua Portuguesa.

Comparando-se os resultados de Marques (2001) aos da pesquisa de Araújo e Rodrigues (2015), observamos que as variáveis escolaridade, tipo de sílaba e gênero/sexo são ratificadas pouco mais de uma década depois, ao passo que a faixa etária e a dimensão do vocábulo são discordantes, apesar de não serem excludentes. O restante das variáveis não encontra parêntese. Já os relacionando aos resultados de Roncaratti e Uchoa (2014), são fatores corroborados: desinência de pretérito imperfeito e natureza da vogal seguinte; embora Marques (2001) não especifique a qual estrutura silábica pertenciam os casos de enfraquecimento que tiveram /v/ no meio de palavras, fica subentendido que o enfraquecimento ocorra indistintamente.

Comparando-se agora as três pesquisas, o único fator apontado como relevante que pode ser destacado é o tipo de sílaba, pois em todas elas foram indicadas aspectos ligados a essa variável.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando-se o caráter dos objetivos da pesquisa, que não buscam estabelecer relações numéricas entre os dados, mas sim evidenciá-los e compreendê-los, adotamos uma metodologia de cunho qualitativo, embora recorramos a números em certos pontos do trabalho. Para melhor aproveitamento, essa fase da pesquisa contou com composição do *corpus* e análise linguística, as quais detalhamos abaixo.

### 0.1 Composição de *corpus*

Após reflexões sobre os fenômenos da posteriorização, foram listados ambientes fonético-fonológicos em que havia uma maior probabilidade de ocorrência do fenômeno ou que pudessem influenciá-lo. Todos foram organizados em tabelas de acordo com os seguintes critérios:

- Posição do acento: foram listadas palavras paroxítonas e oxítonas;
- Distância do acento, que se refere à posição da sílaba da fricativa com relação à tônica: foram listadas palavras cujas fricativas ficassem na sílaba imediatamente seguinte ou imediatamente precedente à sílaba tônica;
- Encontro entre vocábulos morfológicos: foram listados os encontros formados pela união de partículas, como artigos no plural, conjunções como “mas”, numerais e advérbios como “mais” e “já” com substantivos.

Como nossa hipótese principal diz respeito à influência da nasalização na posteriorização, priorizamos contextos em que segmentos nasais estivessem presentes, porém não necessariamente todos os contextos apresentaram tais segmentos. Além disso, com a listagem, apareceram contextos não contemplados pela triagem, como palavras de diversos tamanhos morfológicos, de monossílabos a polissílabos, proparoxítonos, como ‘asmáticos’, e palavras com distância do acento superior a uma sílaba, como na palavra ‘desmantelado’. Também incluímos na listagem palavras que abrigassem os morfemas -ava, desinência de pretérito imperfeito, e des-, prefixo de negação.

Em seguida, criamos narrativas curtas, em tom de informalidade, utilizando todos os dados elencados, as quais foram posteriormente gravadas a partir de leituras por voluntários.

Ainda a fim de compor o *corpus*, construímos um questionário sociolinguístico para a realização de entrevistas e gravações com informantes, cujo objetivo foi estabelecer, durante as gravações, um tom de espontaneidade, que não viesse a atrapalhar as ocorrências do fenômeno estudado, visto que haveria a possibilidade de o fenômeno ser pautado pela formalidade da situação. A entrevista foi pensada como uma contrapartida da leitura das histórias que criamos, uma vez que a leitura tende a promover uma fala mais monitorada. Para as gravações, foram selecionados seis informantes de diferentes faixas etárias, três pertencentes ao sexo feminino e três, ao sexo masculino. Destes, dois informantes, um do sexo masculino e um do sexo feminino, já haviam cursado pós-graduações e os quatro restantes eram, todos, estudantes de cursos de graduação. Todos os informantes eram alagoanos e filhos de alagoanos.

As gravações foram realizadas em salas silenciosas com a ajuda de nossos celulares *smartphones* e de aplicações de gravação de áudio. Ao início de cada gravação, os informantes declararam a autorização para o uso delas.

Posteriormente, as gravações foram transcritas, tendo-se o cuidado de atrelar cada transcrição a seu respectivo informante e de assinalar as ocorrências de posteriorização e também as possibilidades de ocorrência (consoante os possíveis contextos elencados inicialmente). Após a transcrição e com base nela, foram observadas e descritas as ocorrências de posteriorização e os ambientes fonológicos desses casos, identificando-se a ausência ou a presença de segmentos nasais; foram também descritos os contextos prováveis em que não ocorreram o fenômeno e os casos em que o fenômeno ocorreu, porém fora de todo esse escopo. A partir disso, foi possível, portanto, apurar os resultados e organizá-los em quadros, para que pudessem tanto serem visualizados e examinados melhormente quanto para serem discutidos mais convenientemente. A formalização dessa etapa de análise está posta na seção Resultados das Análises e na seção Discussão dos Dados.

### 3 RESULTADOS DAS ANÁLISES

A partir da observação das gravações, a glotalização foi verificada, nas diferentes fricativas citadas em nosso embasamento, em dez palavras. Foram elas: *as*, *asmáticos*, *ficava*, *mesmice*, *tava* (uma ocorrência no *corpus*); *gostava*, *igreja* (duas ocorrências); *mais* (três ocorrências); *mesmo* (quatro ocorrências) e *gente* (cinco ocorrências). No total, foram encontradas no *corpus* 21 posteriorizações. Dessas ocorrências, enquanto 18 posteriorizações aconteceram nas entrevistas, apenas três posteriorizações foram realizadas durante a leitura das narrativas, nas palavras ‘asmáticos’, ‘tava’ e ‘mesmice’.

Visando ao objetivo geral deste trabalho de analisar os processos fonológicos nos casos de posteriorização, os objetivos específicos deram conta de investigar os segmentos posteriores e anteriores, a composição e a tonicidade da sílaba, a fim de verificar a relação destes com a posteriorização, e sua ocorrência ou não em outros pontos articulatórios. Quanto a isso, foram encontrados no *corpus*: quatro tipos diferentes de sílabas diretamente relacionadas à glotalização; quatro diferentes posições do acento tônico em relação ao ponto de ocorrência da posteriorização; oito ambientes fonológicos envolvidos, divididos igualmente em segmentos posteriores e segmentos anteriores e nove contextos sintáticos que incluíam a posteriorização, sendo que, em apenas três destes, a glotalização não foi seguida de uma consoante nasal.

Esses resultados são discutidos mais detalhadamente no tópico seguinte.

### 4 DISCUSSÃO DOS DADOS

Com a análise das dez palavras, foi possível a segmentação, nos quadros de 1 a 3, desses aspectos intrínsecos à palavra, cujo objetivo foi a verificação de fatores fonológicos, além dos nasais, que pudessem interferir promovendo ou impedindo a ocorrência da glotalização.

Quadro 1 – Composição silábica

ESTRUTURA SILÁBICA	OCORRÊNCIAS	Nº
VC	as; asmáticos;	2
CV	gostava; ficava; tava; igreja;	4
CVC (_VC e CV_)	gente; mesmo; mesmice;	3
CVVC (CVV_)	mais;	1

Fonte: Os autores (2020).

No quadro 1, vemos a composição das sílabas das dez palavras em que ocorreu a posteriorização. Foram quatro os tipos de sílabas encontrados: CV, VC, CVC (com posteriorização da consoante em posição pré-vocálica e pós-vocálica) e CVVC (em posição pós-vocálica). Entretanto, não é possível afirmar que a estrutura da sílaba em que ocorre a posteriorização seja fator influente, pois não há uma

recorrência, como visto através dos números muito próximos, mesmo quando apresentam segmento nasal.

No quadro 2, a seguir, são apresentadas as posições do segmento posteriorizado com relação à sílaba tônica da palavra:

Quadro 2 – Distância do acento

POSTERIORIZAÇÃO	OCORRÊNCIAS	Nº
<b>Sílaba tônica</b>	gente; mais; mesmo;	3
<b>Uma sílaba posterior à tônica</b>	gostava; ficava; tava; igreja;	4
<b>Uma sílaba anterior à tônica</b>	asmáticos; mesmice;	2
Átona	as;	1

Fonte: Os autores (2020).

As posições de posteriorização com relação à sílaba tônica foram apenas quatro, como é possível visualizar no quadro 2. Assim como com a composição silábica, não é possível observar uma correlação entre a tonicidade e a glotalização das fricativas, visto que ela pode ocorrer tanto em sílaba tônica como átona e tanto na sílaba anterior à tônica como na sílaba posterior a ela.

Foi também observado no *corpus*, a interferência dos segmentos imediatamente anteriores ou posteriores na glotalização das fricativas em estudo, já que o ambiente pode influenciar os processos fonológicos (SILVA, 2003, p. 119). Os segmentos comuns às palavras que passaram por glotalização estão representados no quadro 3:

Quadro 3 – Segmentos imediatos

SEGMENTO ANTERIOR		OCORRÊNCIAS	Nº
<b>AMBIENTE FONOLÓGICO 1</b>	<b>Vogal [a]</b>	gostava; ficava; as; asmáticos; tava;	5
	<b>Vogal [e]</b>	mesmo; mesmice; igreja;	3
	<b>Vogal [i]</b>	mais;	1
	<b>Nenhum</b>	gente;	1
SEGMENTO POSTERIOR		OCORRÊNCIAS	Nº
<b>AMBIENTE FONOLÓGICO 2</b>	<b>Consoante nasal</b>	mesmo; asmáticos; mesmice;	3
	<b>Vogal [a]</b>	gostava; tava; ficava; igreja;	4
	<b>Vogal [e]</b>	gente;	1
	<b>Nenhum</b>	mais; as;	2

Fonte: Os autores (2020).

Com relação aos segmentos anteriores, nota-se que a posteriorização ocorre livremente de sons consonantais, embora aparente ocorrer em maior frequência com a presença das vogais [a] e [e]. Com relação aos segmentos posteriores, aparentemente nenhum favorecimento pode ser observado. No entanto, vemos aqui

que as consoantes, apenas nasais, passam a participar das ocorrências. Além disso, cabe destacar que, na palavra “gente”, embora o segmento seguinte ao glotalizado seja a vogal medial anterior [e], essa vogal sofre o processo de assimilação, quando “uma propriedade articulatória própria de um segmento é compartilhada por outro segmento adjacente” (SILVA, 2003, p. 120). Dessa forma, em concordância com Silva (2003, p. 121), em que “a nasalidade no português brasileiro se relaciona ao fato de uma vogal ser nasalizada quando seguida de consoante nasal”, a vogal [e] assume da consoante nasal [n], em posição de *coda* silábica, o traço [+nasal]. Comparativamente, o que difere o ambiente fonológico 2 do 1, entretanto, com exceção do caso único da vogal [i], é a presença dos sons nasais, as consoantes e a vogal nasalizada em 2.

Ainda assim, até então, todos os aspectos apresentados são características pertinentes ao âmbito vocabular e, somente assim analisados, não revelam as descobertas desta pesquisa. Dentre as dez palavras encontradas com posteriorizações no *corpus*, seis palavras não apresentam segmentos nasais internos subsequentes aos fricativos. Juntas, são responsáveis por dez das 21 ocorrências; as outras 11 ocorrências surgiram nas quatro palavras que já apresentam segmentos nasais em posição seguinte. O Quadro 5 coloca em evidência a influência da nasal.

Quadro 5 – Contextos sintáticos

VOCÁBULOS	OCORRÊNCIAS	
<b>Gostava</b>	[...] gostava <b>não</b> [...]	[gɔʃt'afɨn'ã <sup>wn</sup> ]
	[...] gostava <b>muito</b> [...]	[gɔʃt'afɨm'ũ <sup>nt</sup> tʃu]
<b>As</b>	[...] as <b>melhores</b> [...]	[ɐɦmɛʎ'ɔrɨs]
<b>Tava</b>	[...] tava <b>naquela</b> [...]	[t'afɨnak'elɐ]
<b>Mais</b>	[...] mais <b>nada</b> [...]	[m'a'ɦn>adɐ]
	[...] mais <b>nem</b> [...]	[m'a'ɦn>ɛ <sup>ɨn</sup> ]
	[...] mais <b>youê</b> [...]	[m'a'ɦvos>e]
<b>Ficava</b>	[...] ficava com [...]	[fik'afɨk'õ <sup>wn</sup> ]
<b>Igreja</b>	[...] igreja católica [...] <sup>4</sup>	[ig'reɦɛkat'olɨkɐ]

Fonte: Os autores (2020).

Com exceção de apenas três contextos sintáticos, em todos os outros, as fricativas são seguidas de sons nasais em posição de *Onset* silábico, sejam imediatamente após a fricativa posteriorizada, sejam afastados pela interposição de outros sons. Sendo assim, é possível notar que, das 21, 17 ocorrências são seguidas por um segmento nasal, sendo que, em apenas quatro — [...] ficava com [...] e [...] mais você [...] e [...] igreja católica [...], ocorrido em dois momentos —, isso

4 Embora tratemos como apenas um contexto sintático-fonológico, a expressão “[...] igreja católica [...]” teve duas ocorrências no *corpus*.

não acontece. Isso deixa evidente a influência da nasalização na posteriorização das fricativas sonoras para o ponto glotal, comprovando nossa hipótese.

No que diz respeito aos três contextos em que a posteriorização não está acompanhada de um segmento nasal, verifica-se que os contextos [fik'afɪk'õ<sup>wn</sup>] e [ig'refɪkat'ɔlikɐ] apresentam um detalhe significativo. Embora não haja segmentos nasais, a posteriorização é seguida de uma consoante velar, produzida com o rebaixamento do véu palatino; inclusive, no primeiro contexto, todo o segmento [k'õ<sup>wn</sup>] é pronunciado com o véu abaixado, em função da articulação da consoante velar e também das vogais nasalizadas; sem falar que, nesse caso, em detrimento do outro, há sons nasais, mesmo que consideravelmente distantes do ponto em que ocorre a posteriorização. Por isso, é possível que a existência dessa consoante seja também um fator propulsor da glotalização, já que, além de provocar o rebaixamento do véu palatino, também aparece no mesmo ambiente fonológico das nasais nos outros contextos: em *Onset* silábico e na sílaba seguinte. No entanto, é necessário um estudo mais aprofundado a esse respeito. Já no caso de [m'aɪfivosɐ], não pudemos perceber nenhum fator relevante para a posteriorização nem relativizar uma hipótese, a não ser apontar a presença da consoante bilabial nasal no início de todo o segmento.

Ao longo da análise, observamos ainda que a realização das fricativas sonoras no ponto glotal pode estar relacionada com a formalidade da situação, visto que apenas três das ocorrências aconteceram durante a leitura das narrativas, por apenas um informante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, observou-se o processo de posteriorização das fricativas sonoras labiodental [v], alveolar [z] e palatal [ʒ] para o ponto glotal, ocasionando uma fricativa glotal [ɦ], por meio do enfraquecimento articulatorio. Levou-se em consideração, para a análise do fenômeno, a presença de fatores estruturais ou linguísticos.

Através dos resultados, constatou-se que a ocorrência da posteriorização está ligada à presença em segmentos posteriores da nasalização. A produção de segmentos nasais é realizada por meio do rebaixamento do véu palatino. A antecipação desse rebaixamento ocasiona a execução das fricativas no ponto glotal.

Foram analisados, ainda, os aspectos de composição e tonicidade da sílaba e segmentos posteriores e anteriores, inicialmente, dentro dos vocábulos apenas. O objetivo disso foi verificar a relação destes com a posteriorização e sua ocorrência ou não em outros pontos articulatorios. Entretanto, o resultado da análise mostrou que esses aspectos não influenciaram na posteriorização das fricativas, com exceção dos segmentos nasais. Diante disso, em seguida, a análise dos segmentos imediatos foi expandida para os contextos sintáticos em que as palavras apareceram. Foi então que a influência dos segmentos nasais se tornou evidente.

Dentre as 21 ocorrências de posteriorização, 17 delas estavam seguidas de segmentos nasais imediatos (nove ocorrências) ou não imediatos (oito ocorrências), em sílabas imediatamente posteriores. Dessas 17, 11 posteriorizações surgiram anteriores a segmentos nasais do próprio vocábulo, enquanto as 6 restantes surgiram em ambientes fonológicos formados do encontro entre vocábulos. Dessa forma, foi comprovada a hipótese principal da pesquisa.

No que diz respeito às três posteriorizações que não apresentaram segmentos consonantais nasais, nem dentro do vocábulo, nem dentro de um contexto fonético-sintático, parece não haver motivos para tal. Uma dessas ocorrências, de fato, não porta nenhum motivo estrutural promotor da glotalização, o que indica a necessidade de um estudo mais aprofundado. Entretanto, dois deles apresentam segmentos velares no mesmo ambiente fonológico que ocorreram as nasais em nove das posteriorizações, além de serem realizadas em pontos articulatorios semelhantes: ambas exigem o abaixamento do véu palatino. Assim, a presença de uma velar impulsionaria a posteriorização, assim como as nasais. Essa é uma hipótese que daria origem a um novo estudo nessa área.

Cabe lembrar que o propósito desse estudo foi proporcionar uma abertura para que outros estudos sejam realizados sobre a posteriorização das fricativas sonoras no dialeto alagoano. Por isso, de forma alguma, pretendeu dar conta de todo o fenômeno em progresso.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza. In: CARDOSO, Suzana A. M.; COSTA, Sônia B. B. Costa; RIBEIRO, Silvana S. Costa. **Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/>>. Acesso em: 7 ago. 2018.

ARAGÃO, M. do S. S. de; ARAÚJO, A. A. de; RODRIGUES, A. G. P. Enfraquecimento de Fricativas no Atlas Linguístico do Ceará: uma abordagem sócio-dialetal. **Revista Trama**. [S.I.], v. 9, n. 18, p. 53 – 64, 2º Semestre de 2013.

ARAÚJO, A. A. de; RODRIGUES, A. G. P. Falarra tanto que cansarra: a aspiração de /v/ no morfema verbal -ava no falar de Fortaleza-CE. **Letras & Letras**. [S.I.], v. 31, n. 2, p. 157-187, 29 dez. 2015.

BARBOSA, A. Plínio; MADUREIRA, Sandra. **Manual de Fonética Acústica Experimental: Aplicações a dados do Português**. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

MARQUES, S. M. O. **A produção variável do fonema /v/ em João Pessoa**. João Pessoa, 2001. 96f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2001. Disponível em: <[https://issuu.com/valpb/docs/a\\_produ\\_\\_\\_o\\_vari\\_\\_vel\\_do\\_fonema\\_v](https://issuu.com/valpb/docs/a_produ___o_vari__vel_do_fonema_v)>. Acesso em: 02 jul. 2018.

RONCARATI, Cláudia Nívia; UCHOA, José A. Campos. Enfraquecimento das fricativas sonoras na fala do Ceará. **Revista de Letras**. [S.I.], v. 1, n. 33, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/1491/1385>>. Acesso em: 26 ago. 2021.

SEARA, Izaabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane; **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SEARA, Izaabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para conhecer Fonética e Fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis. Um estudo sobre Processos de Simplificação Fonológica na aquisição do português. In: RIBEIRO, S.S.C., COSTA, S.B.B; CARDOSO, S.A.M., (orgs.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 154-185. Disponível em: <<http://books.scielo.org/>>. Acesso em: 26 ago. 2021.